

*Nascentes***GOOGLE MEET:  
UM ESPAÇO POTENTE PARA UMA ATITUDE MEDIADORA***Leticia de Leon Carriconde\***Daniela Sayuri Kawamoto Kanashiro\*\**

**RESUMO:** *Google Meet* é um serviço de chamadas por vídeo oferecido pela empresa *Google*. Essa ferramenta digital foi utilizada pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) como uma das possibilidades para dar continuidade às aulas no Ensino Remoto Emergencial (ERE), uma vez que, em decorrência da necessidade de isolamento físico devido à pandemia de covid-19, as atividades presenciais foram paralisadas. Assim, este trabalho objetiva apresentar um conjunto de análise e reflexões sobre as potencialidades do *Google Meet*, especialmente em cursos de formação inicial de professores de línguas. A metodologia adotada na pesquisa desenvolvida foi a de revisão bibliográfica e de análise qualitativa. À luz de alguns conceitos teóricos, como educação crítica (FREIRE, 1987) e interação (SILVA, 2001), voltamos nosso olhar para as possibilidades de uso de alguns recursos do *Google Meet* em uma aula virtual, principalmente aqueles que nos parecem profícuos para a criação de um espaço de tensão potente, alicerçados em uma atitude mediadora do professor. À guisa da conclusão, evidenciamos a relevância de o docente experimentar e conhecer esses recursos, objetivando utilizá-los de maneira produtiva, para que a ferramenta não se torne simples meio de transposição, do presencial para o virtual, de uma aula que se mantém bancária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação crítica; Espaço de tensão; Interação; Sala virtual.

**Introdução**

Em março de 2020, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, doravante UFMS, por meio da Portaria nº 405, de 16 de março de 2020 (UFMS, 2020a), em concordância com a Portaria do Ministério da Educação nº 329, de 11 de março de 2020 (BRASIL, 2020), criou o Comitê Operativo de Emergência e substituiu as atividades presenciais de todos os cursos de graduação e pós-graduação por “estudos dirigidos com uso de ferramentas de EAD e TIC”<sup>1</sup> (UFMS, 2020a, p. 1), inicialmente por 30 dias e, posteriormente, estendido até o final do primeiro semestre letivo de 2020, por meio da Normativa nº 540, de 5 de maio de 2020 (UFMS, 2020b).

---

\* Mestranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

\*\* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (Usp). Professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

<sup>1</sup> A sigla EAD se refere a Educação a Distância e TIC, Tecnologia de Informação e Comunicação.

No segundo semestre de 2020, foi regulamentado o Ensino Remoto Emergencial, daqui em diante ERE, na UFMS, por meio da Resolução nº 228, de 13 de agosto de 2020 (UFMS, 2020c), definido como “um regime excepcional de ensino composto pela realização de atividades de ensino, síncronas ou assíncronas, mediadas por meio da utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).” (UFMS, 2020c, p. 1), a ser adotado durante todo o período da pandemia de covid-19.

No primeiro semestre do ano de 2021, com a publicação da Portaria nº 1.235 - RTR/UFMS, de 19 de fevereiro de 2021 (UFMS, 2021b), o ensino híbrido passou a ser uma alternativa, estabelecido a critério dos dirigentes de cada unidade e de acordo com as diretrizes do Plano de Biossegurança específicos. No caso dos cursos de Letras, habilitação Português e Espanhol e Letras Português e Inglês, todas as atividades, inclusive as de estágios obrigatórios, se mantiveram de forma remota.

Durante o ano de 2020, a referida universidade estabeleceu uma parceria com a empresa *Google* e passou a contar com a gama de ferramentas relacionadas ao programa *Google For Education*, entre eles, o *Google Meet*, bem como, com o programa *Microsoft For Education*, que também possui um serviço de videochamadas, o *Microsoft Teams*. Embora ambos pudessem ser utilizados nas aulas síncronas, parte significativa do ERE, a maioria dos professores continuou utilizando o *Google Meet* como alternativa para as aulas síncronas, segundo dados constantes no Relatório de acompanhamento de ações durante esse período (UFMS, 2021a).

A UFMS afirma que, no primeiro semestre de 2021, considerando as salas abertas, no *Google Meet*, foram coletados os seguintes dados: “(i) 56.222 salas de webconferência foram criadas no *Meet*; e (ii) 222.282 participações de usuários nas salas do *Meet*” (UFMS, 2021, p. 23). Além da opção do *Microsoft Teams*, no segundo semestre de 2020, foram criadas 48.046 salas no *Google Meet*, que contaram com 470.330 participações (UFMS, 2021).

Sendo assim, nossa pesquisa justifica-se quando consideramos que o entendimento do espaço educativo virtual que se constrói a partir de uma chamada de vídeo, por meio do *Google Meet*, pode contribuir, não somente para o melhor aproveitamento desse ambiente em termos técnicos, mas também para um fazer docente mediador.

Neste artigo, objetivamos apresentar alguns recursos do *Google Meet* e analisar como eles podem ser favoráveis para a interação e para a constituição de sujeitos críticos e transformadores, a depender de uma atitude mediadora por parte do professor. Para tanto, apresentamos, na sequência, a metodologia adotada, o arcabouço teórico baseado em Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Freire (1987), Silva (2001) e Vetromille-Castro (2017), a partir dos quais ressaltamos as noções de letramentos digitais, educação crítica, interação e professor

perturbador. Em seguida, discutimos, desde nossas experiências como professoras, aluna e pesquisadoras, alguns dos recursos da ferramenta *Google Meet*. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências deste trabalho.

### Percurso metodológico

O presente trabalho emergiu de relações estabelecidas entre a revisão bibliográfica acerca da mediação do professor em contexto on-line e as possibilidades de utilização da ferramenta *Google Meet* nesse desenvolvimento do professor mediador. A revisão bibliográfica compreendeu a leitura de estudos que discutem possíveis interações no processo educativo (FREIRE, 1987; SILVA, 2001), em perspectiva transdisciplinar (VETROMILLE-CASTRO, 2017).

Por meio de uma exploração do espaço e do design de interface que encontramos nesse ambiente, tentamos reconhecer, entre os recursos oferecidos, aqueles que oportunizam a manifestação de posturas e ações que consideramos mediadoras por parte do professor com base nos pressupostos teóricos anteriormente mencionados. Nosso foco de análise é, portanto, o *Google Meet* enquanto espaço on-line que permite a interação entre professor e alunos e entre os próprios estudantes.

O *Google Meet* é um serviço de chamadas por vídeo, lançado em 2017, que pode ser utilizado nas plataformas *Windows*, *macOS*, *Linux*, *Android* e *iOS*<sup>2</sup>. Ele possui: (i) uma versão gratuita, que oferece chamadas de até 24 horas para dois participantes, ou de 60 minutos para três ou mais participantes; (ii) uma versão paga do *Workspace Individual*, que permite chamadas de até 24 horas para três ou mais participantes. Ambas versões têm um limite máximo de 100 participantes. Já as opções de contas de trabalho do *Google Workspace* contam com versões pagas, que autorizam chamadas de até 24 horas, com variação de 100, 150 e 250 participantes. Há também a opção *Enterprise*, que deve ser negociada diretamente com a<sup>3</sup> *Google*.

Para instituições educativas a *Google* oferece, atualmente, o<sup>4</sup> *Google Workspace for Education*, denominada, até o ano de 2020, de *G Suite for Education*. Para instituições qualificadas como escolas e universidades públicas é oportunizada uma versão gratuita a *Education Fundamentals*. Para outras instituições que não se enquadrem nesse perfil existem três opções pagas. Na UFMS, é utilizada a versão *Education Fundamentals*, segundo informa a Equipe de Suporte

---

<sup>2</sup> *Windows*, *macOS*, *Linux*, *Android* e *iOS* são sistemas operacionais que gerenciam o hardware de computadores pessoais e de mesa, bem como de dispositivos móveis como telefones celulares e tablets.

<sup>3</sup> Utilizamos o artigo determinado feminino a, antes de *Google*, quando nos referimos à empresa.

<sup>4</sup> Neste caso, utilizamos o artigo determinado masculino, pois refere-se a um serviço da empresa.

ao Cliente da Agência de Tecnologia da Informação e Comunicação (Agetic)/UFMS, via e-mail, após consulta. Nessa versão, as ferramentas de comunicação incluem o *Google Meet* com os seguintes recursos: chamadas de até 100 participantes, possibilidade de armazenamento das gravações do *Google Drive*, controles de moderação (somente para o professor), levantar a mão, lousa digital (ferramenta *Google Jamboard*) e planos de fundo personalizados<sup>5</sup>.

A metodologia adotada em nosso estudo é de revisão bibliográfica no que se refere ao surgimento das reflexões que nos levaram a olhar com maior atenção para o *Google Meet* e suas possibilidades para o fazer docente no ensino remoto, seja ele emergencial ou não. A pesquisa bibliográfica consiste em uma ampliação das leituras e da investigação, almejando maior entendimento e reflexão no que se refere aos recursos identificados como produtivos dentro da ferramenta analisada. Também realizamos análise qualitativa do *Google Meet* com base em nosso arcabouço teórico. Esse procedimento, definido como reflexão crítica, permite que exploremos nosso objeto de análise como mais do que um meio digital de trocas comunicativas ou como mera transposição de uma sala de aula presencial para o espaço virtual, pois são espaços distintos que oportunizam diferentes possibilidades para o fazer docente e, conseqüentemente, para cada aula.

### **Percurso teórico**

Em Freire (1987), a educação bancária evidencia um professor que ocupa o lugar de protagonista, além de diretor e roteirista da cena pedagógica, atuando como aquele que regula a quantidade e o teor de conteúdo necessário a seus alunos, depositando uma parte de cada vez, enchendo a tábula rasa que é cada sujeito com a parte que lhe cabe de saber. Dessa forma, o professor é o que deposita, o que transfere conhecimentos, e o aluno, de modo passivo, é aquele que repete, memoriza, reproduz o que foi recebido.

Com o advento da Web 2.0, muitas informações que podem ser utilizadas na construção do conhecimento estão acessíveis a partir de um clique, ou seja, o aluno, que antes precisava estar na escola para acessar determinados conteúdos, passa a vivenciar a possibilidade de ter maior controle e autonomia sobre sua própria aprendizagem, que são alguns dos fatores que compõem a educação libertadora no que tange a atuação do sujeito aprendiz (FREIRE, 1987). Cabe ao professor mediador, identificar esse saber constituído fora da sala de aula como matéria prima de reflexão a ser somada àquele conhecimento produzido e

---

<sup>5</sup> Dados disponíveis em: <[https://edu.google.com/intl/ALL\\_br/products/workspace-for-education/editions/](https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/workspace-for-education/editions/)>. Acesso em: 29 out. 2021.

trabalhado na educação formal, fazendo emergir a face crítica e questionadora do processo educativo.

Observamos a importância da interação na educação, seja do aluno com as informações que estão a seu dispor na internet que, embora mostre o contexto de uma forma virtual, aproxima realidades de outros espaços e tempos, muitas vezes de outro ângulo, seja desse mesmo aluno com outros alunos e com o educador. Entendemos que este último, ao deslocar-se do lugar de protagonista e regulador do conhecimento, entende seus alunos como sujeitos ativos, com muito a contribuir, afinal “a educação autêntica não se faz sem a participação genuína do aluno” (SILVA, 2001, p. 3). Essa compreensão permite que a interação se amplie para o que Silva denomina interatividade, que “permite [a seus alunos] ultrapassar a condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo.” (SILVA, 2001, p. 2), quando se observa a interação colaborativa de sujeitos em uma atividade que visa o conhecimento por parte de todos os participantes.

Silva (2001) afirma que o simples fato de que um software educativo seja anunciado como interativo, ele não garante a interação, pois, geralmente, “não passam de estruturas arborescentes, fechadas e sequenciais que reproduz(em) a mesma estrutura do livro” (SILVA, 2001, p. 4). Assim, também são as salas de aula extremamente informatizadas e ricas em hardwares, que por vezes não passam de espaços que servem “principalmente para intensificar e modernizar o velho modelo da transmissão” (SILVA, 2001, p. 4). Entendemos que o mesmo pode ser estendido às salas virtuais criadas no *Google Meet*, pois, embora possuam recursos como o compartilhamento de guias e janelas, que possibilita a visualização e a investigação de outros contextos, e a comunicação por áudio e por chat, ao que pode aproximar alunos e professores distantes geograficamente, correm o risco de ser apenas um outro modo de perpetuar a educação bancária e tradicional.

O conceito de interatividade, de acordo com Silva (2001), ainda que tenha sido importante da comunicação, na sala de aula assume uma função bem mais ampla que comunicar ou levar o aluno a participar. A interatividade é “cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores envolvidos” (SILVA, 2001, p. 15), em um processo de cocriação do conhecimento, na qual dois ou mais sujeitos constroem algo que não poderia ser visualizado por um só, uma situação que vai além do estudante solitário, mero espectador, do paradigma comunicacional da sala de aula unidirecional onde um ensina a todos do grupo que, às vezes, aprendem.

O paradigma comunicacional de um professor que pretende uma educação autêntica, “que se faz de A com B” (FREIRE, 1987, p. 54), é, segundo Silva (2001), o paradigma da

sala de aula interativa, na qual todos ensinam para todos e aprendem com todos, cabendo ao professor garantir a democracia, para que todos sejam escutados. Não se trata somente de assumir uma postura dialógica, flexível, receptiva e de eterno aprendiz (inclusive em sua interação com os estudantes) durante as disciplinas da formação que assim o exigem. Um fazer docente mediador, interativo e provocador é atravessado por uma transformação no modo de entender o processo educativo como algo tão contínuo em duração como amplo em possibilidades. Nele, “o professor propõe o conhecimento. Não o transmite.” (SILVA, 2001, p. 8).

Parte das mudanças no entendimento desse processo é perpassada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, doravante TDIC, fazendo com que os letramentos digitais e as interações por eles intermediadas tornem-se elementos importantes para a educação (linguística), on-line e presencial, no que Vettromille-Castro chama de “práticas de linguagem com tecnologias digitais” (2017, p. 195).

Entendemos os letramentos digitais como “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, *compartilhar* e *criar sentido* eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17, grifos nossos). Resaltamos o caráter compartilhado e criativo de sentido de tais letramentos, os quais associamos à noção de cocriação e colaboração de Silva (2001), mencionada anteriormente, bem como a possibilidade de atuação desses letramentos na constituição do empoderamento, características que compartilham com os letramentos analógicos, embora estes não ocorram, de acordo com os autores, por meio de canais de comunicação digitais. Segundo Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 19) “o letramento digital, então, é ainda mais poderoso e empoderador do que o letramento analógico”, tendo em vista que “a língua está atualmente ‘ativada’ ou ‘incrementada’ pela mídia digital”. Para os autores, língua e quaisquer letramentos

estão fortemente aglutinados um no outro: por uma parte porque a verdadeira noção de letramento se baseia na língua; por outra porque todos os letramentos se conectam com a comunicação de sentidos, seja por meio da linguagem, seja por outros canais frequentemente complementares. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 18)

O entendimento sobre a potência dos letramentos digitais e sua relação com as línguas se evidencia também em Vettromille-Castro (2017), quando o autor reflete sobre a importância de expandir o entendimento e o uso das tecnologias digitais para além do instrumental, ou seja, além de simples meio/instrumento para comunicar ou informar, devido a seu caráter potencialmente libertador. Essa característica “só se configurará como tal ‘se formos capazes de nos autogovernarmos positivamente” (MUJICA, 2017 apud VENTROMILLE-

CASTRO, 2107, p. 196), isto é, se entendermos o poder que seu aproveitamento possibilita, para que não o deixemos sob controle e utilização apenas do sistema que mantém o status quo. O autor conclui que “se a formação linguística é compreendida como um viés da educação e, como tal, transcende a instrumentalização e se constitui como um elemento da educação cidadã e de empoderamento, ela também é viés do autogoverno” (VETROMILLE-CASTRO, 2017, p. 196).

Por fim, trazemos à discussão a noção de espaço de tensão e espaço de potência, construída a partir da afirmação de Vetromille-Castro (2017) de que o professor de línguas que propicia as condições de liberdade e atuação, fomentado em seus alunos reflexões e questionamentos, é acima de tudo um professor perturbador. Por espaços de tensão entendemos aqueles nos quais se observa certo tumulto ou conflito, que, ao serem utilizados pelo professor como possível catalisador de reflexões do grupo, se tornam espaços de potência, com energia produtiva de conhecimento.

O professor perturbador, além de não evitar os espaços de tensão e tomá-los como potentes, atua e media as interações entre os participantes durante a aula de maneira a possibilitar a sua construção. Lembremos que o verbo perturbar, de acordo com o Dicionário online de Português, também significa “deixar de ter controle sobre” e “perder o equilíbrio” (DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS, s/d, s/p). Essa definição retoma, mais uma vez, a importância do deslocamento do professor do lugar de único protagonista da aula.

Os pressupostos teóricos apresentados são a base para as reflexões que emergiram nas análises que se seguem.

### **Possibilidades mediadoras no *Google Meet***

Na UFMS, já há algum tempo, professores e alunos possuem um endereço de e-mail institucional associada diretamente aos serviços e ferramentas da *Google*. Desse modo, além da possibilidade de contas pessoais gratuitas, que abrangem a viabilidade da utilização do *Google Meet* como ferramenta utilizada em chamadas de vídeo, eles também dispõem de uma conta associada à versão *Google Education Fundamentals*.

Em ambas as versões, pessoal e institucional, estão incluídos recursos básicos como o compartilhamento de tela em guia ou janela, possibilidade de inserção de planos de fundo quando a câmera estiver aberta, layout em mosaico, legendas automáticas, chat e lousa interativa, por meio da ferramenta *Google Jamboard*. Com relação ao tempo de duração, de maio de 2020 até junho de 2021 (PROGRAMADORES BRASIL, 2021, s/p), a *Google* havia liberado chamadas de até 24 horas para qualquer versão de contas de acesso ao *Google Meet*, mas,

atualmente, contas pessoais fazem chamadas de, no máximo, uma hora quando essas possuem mais de dois participantes, sem permitir gravação.

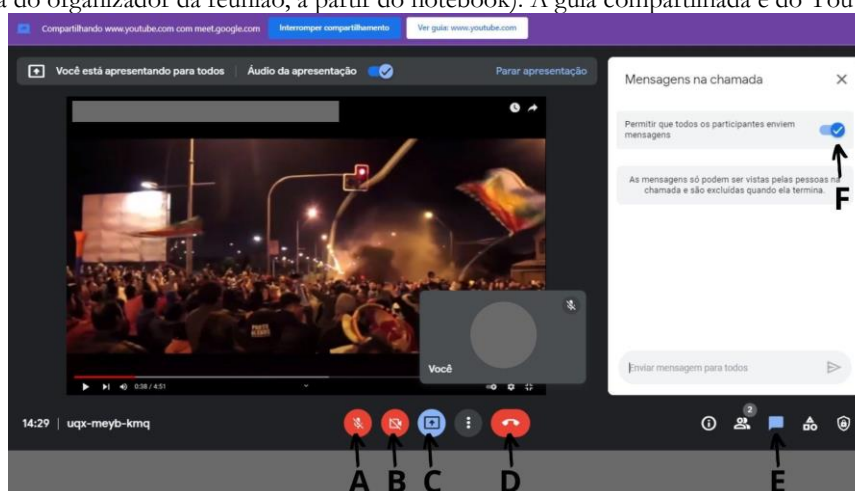
O tempo de chamada para grupos é uma diferença importante quando pensamos em uma aula ou na utilização da ferramenta no processo educativo, pois enquanto uma conta pessoal permite uma hora de chamada, a conta institucional permite chamadas de até 24 horas para grupos de três a 100 participantes. Ou seja, mesmo que um aluno crie uma sala virtual, se o faz de seu e-mail @ufms.br, a chamada não se encerra em uma hora, possibilitando chamadas de vídeo para trabalhos em grupo, realização de atividades em dupla, reuniões de turma e mesmo assembleias de centros acadêmicos e afins.

O criador da sala virtual pode, por meio da ferramenta *Google Agenda*, programar um evento que se repete conforme seu cronograma, por exemplo, todas as terças-feiras, das 18h até às 19h, até uma data específica, e a ele associar sempre o mesmo link, criando assim uma sala, permanente para a realização de sua aula, eliminando a necessidade de criar uma sala nova semanalmente. Um link exclusivo e regular de *Google Meet* para um grupo restrito pode ser criado também por meio da ferramenta *Google Classroom* (AJUDA DO GOOGLE MEET, s/d, s/p).

Uma vez iniciada a chamada, o professor pode optar, por permitir ou não o compartilhamento de tela por parte de qualquer participante, ou seja, dele e dos alunos, assim como a comunicação por meio do chat. Acreditamos que o compartilhamento de tela, bem como a participação no bate-papo, deve ser estimulado pelo professor, uma vez que o conhecimento se constrói de maneira colaborativa.

Analisemos a Figura 1 a seguir.

**Figura 1** - Captura de tela do compartilhamento de guia no *Google Meet* (tela do organizador da reunião, a partir do notebook). A guia compartilhada é do YouTube.



Fonte: Elaboração das autoras.

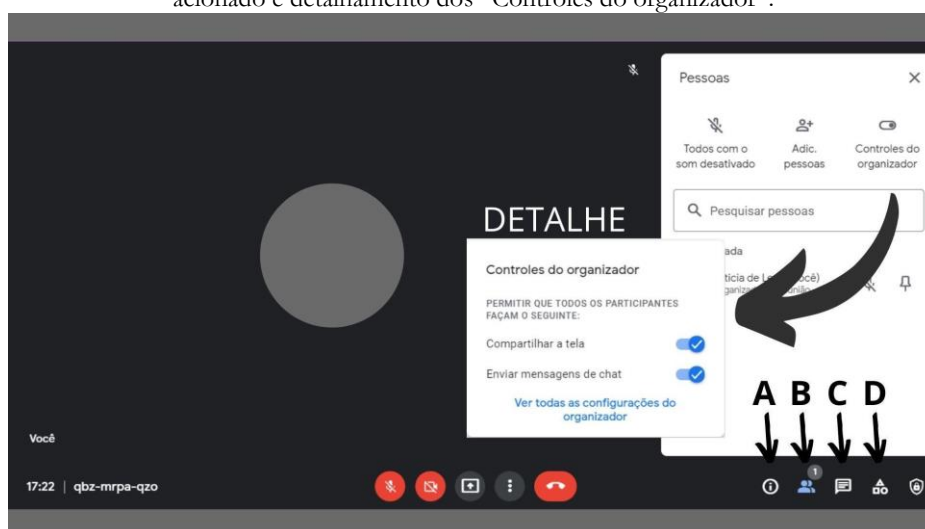


Na Figura 1, podemos observar a interface de uma chamada do *Google Meet*, com o compartilhamento de guia ativo e possibilitado por meio do botão *Apresentar*, sinalizado pela seta C. Nas setas A e B estão os botões de ativação do microfone e da câmera; na seta D, encontramos o botão para encerramento da chamada. Na imagem, o chat está aberto, o que se consegue ao clicar no botão sinalizado pela seta E, e apresenta, no topo, o comando para permissão do envio de mensagens por todos os participantes, identificado pela seta F.

Muitas vezes um aluno pode buscar, na rede, alguma informação complementar ou imagem, que possa enriquecer o tema da aula, principalmente em uma aula de língua adicional, por nós entendida como um espaço profícuo para aproximações entre culturas e existências outras. Lembremos que a guia da chamada do *Google Meet* tem atrás dela muitas outras guias possíveis e, impedir as conexões que constroem a rede de saberes daquele que aprende está, em nossa opinião, associada a um professor que se identifica com uma postura que se mantém dentro da educação bancária, como se todo conhecimento de seus alunos partisse obrigatoriamente dele.

Aproveitar o que podem trazer seus alunos, por meio do compartilhamento de guia ou de janela, reflete um deslocar-se do lugar de protagonista, em um movimento de abertura ao outro e a seus saberes, vinculado a uma atitude mediadora do docente. Abrir lugar para a perturbação que pode emergir da reflexão sobre o que é relevante para alguns pode não ser para outros, e lidar com a tensão advinda dessa discussão como potência de construção de conhecimento caracteriza também o professor perturbador.

**Figura 2** - Captura de tela da chamada, com o botão “Pessoas” acionado e detalhamento dos “Controles do organizador”.



Fonte: Elaboração das autoras.

Ao refletirmos sobre a área da sala, percebemos que o chat, acionado pelo botão identificado na Figura 2, por meio da seta C, ocupa pouco espaço, o que não atrapalha a visualização da guia, tanto para aquele que compartilha quanto para aquele que somente está assistindo ao que foi disponibilizado. Isso reforça nossa avaliação sobre a potencialidade de sua utilização durante a aula como recurso que possibilita a interação entre os sujeitos da cena pedagógica, pois quem apresenta partilha algo que considera pertinente para a discussão que estabelece junto ao grupo do qual faz parte.

Alunos cujo professor cede o espaço, bem como a função de buscar e compartilhar um objeto de conhecimento que considere oportuno, sendo-lhes permitido atuar ativamente na aula, não somente como quem responde ou pergunta, mas como aquele que cria, estão sendo estimulados a pensar com autonomia e criticidade. Além disso, são encorajados a descobrir e reconhecer outros espaços de saber que não somente a sala de aula, seja nas guias que podem ficar abertas atrás daquela do *Google Meet*, ou presencialmente, em zonas externas à escola, ampliando a concepção do que seja conhecimento mais adiante da educação formal.

No chat, se dá o que, em uma aula presencial, seria vista como conversa paralela, reflexões às quais o professor não tem acesso quando está numa sala, a não ser que as identifique e as traga para o contexto da aula, mas, no espaço virtual do *Google Meet*, ele pode acompanhar as contribuições de seus alunos o tempo todo, ao deixar a aba acionada, valorizando e aproveitando a perturbação e a tensão dela decorrente, como potencial construção coletiva do saber. Por isso, entendemos o chat como um recurso e um espaço de tensão e de potência na ferramenta analisada, caso o professor assuma uma atitude mediadora, que não teme ou rechaça os questionamentos e a perturbação.

Essa aba também pode ser utilizada como uma lousa coletiva. O docente pode desenvolver uma tempestade de ideias a partir de um tema específico, em que todos os participantes podem digitar suas sugestões no chat, como se cada um tivesse um pedaço de giz ou um canetão em suas mãos, em uma interação que promove também a co-criação do conhecimento em uma sala de aula presencial, observamos apenas um aluno, por vez, ir até a lousa e nela poder escrever uma resposta a uma atividade. Mas, no espaço virtual, por meio da troca interativa das mensagens, todos os alunos podem participar no mesmo momento e criar juntos. É importante ressaltar a atuação do professor mediador nesse momento, pois a ele cabe organizar essa interação, chamando a atenção de todos para o que cada um escreve, em um exercício de leitura/escuta do outro.

Caso a opção “Compartilhamento de janela” seja selecionada, a área que ocupa a aba do chat aberta será a mesma da Figura 1. Nesse compartilhamento, utilizado para arquivos

que se encontrem armazenados no dispositivo (notebook, tablet ou celular) de quem compartilha, este terá um filtro acinzentado somente sobre a imagem, ou seja, ele não cobre a área destinada à troca de mensagens, desde que a aba esteja aberta.

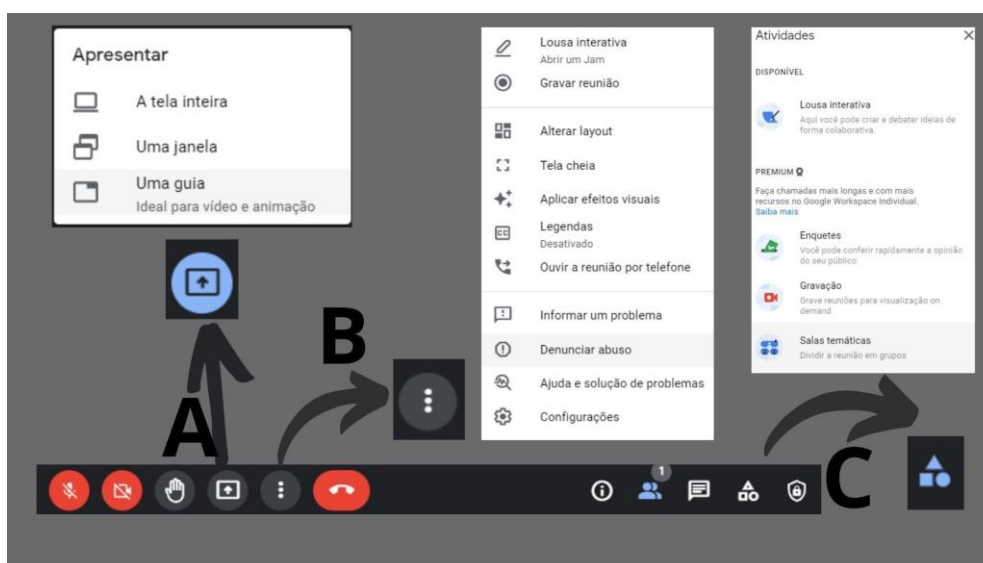
Embora as duas opções de apresentação sejam eficazes com relação às possibilidades interativas e cocriativas já aqui descritas, avaliamos que, ao optar por compartilhar uma guia, o professor sai da zona de conforto de uma aula com material estático e bem conhecido, principalmente se este foi produzido pelo próprio docente, para uma área dinâmica e atualizada constantemente, estabelecendo para si mesmo um espaço de tensão. Entendemos que uma atitude mediadora também conta com reflexão sobre a própria prática e autocrítica, o que lhe possibilitaria circular por essa zona por vezes desconfortável sem receio e com curiosidade de quem, assim como seus alunos, está pronto para aprender.

Ainda na Figura 2, podemos observar o detalhe dos “Controles do organizador”, a partir da aba aberta “Pessoas”, aberta com um clique no botão da seta D, na qual se vê outra opção de desativação dos recursos “Enviar mensagens no chat” e “Compartilhar tela” por parte do professor. Assim como as possibilidades de desligar o microfone ou retirar um participante da sala, essas opções são apresentadas ao organizador da chamada.

Entendemos que, por vezes, vários microfones abertos possam atrapalhar a aula, mas avaliamos que, assim como é necessário acordar determinadas atitudes em grupo presenciais, no espaço virtual também se faz primordial. Em uma aula presencial, um professor não pode desligar a voz de seu aluno ou mesmo retirá-lo da sala porque não está participando da interação ou porque está fazendo outras atividades. Essas seriam atitudes extremas, assim como o são no espaço do *Google Meet*. Esse tipo de ação associa-se a um docente que não leva em conta o que aqueles que estão aprendendo têm a dizer e supõe que os estudantes devem somente escutar passivamente, em uma conduta descrita por Freire (1987) como uma das características da educação bancária.

Na figura 3, detalhamos alguns dos recursos já aqui mencionados e apresentamos outros.

**Figura 3** - Captura de tela, detalhando alguns recursos do *Google Meet*.



Fonte: Elaboração das autoras.

A seta A leva ao detalhamento das opções de compartilhamento de tela, a partir do botão “Apresentar”, já discutida anteriormente, bem como às opções de recursos de “Atividades”, cujas especificidades aparecem sinalizadas pela seta C.

Das opções acessadas pelo botão “Três pontos” (seta B), três possuem bastante potencial em uma aula de línguas: “Alterar layout”, “Aplicar efeitos visuais” e “Legendas”. O primeiro dá acesso à opção “Mosaico”, que permite a visualização de todos os participantes em pequenas miniaturas de suas imagens de câmera ou fotos de perfil. Acreditamos que a visualização em mosaico apresenta uma visão não hierarquizada da sala de aula, tendo em vista que o professor não sabe em que lugar das telas de seus alunos, ele está localizado. Diferentemente do que se observa, ainda, nas salas de aula presenciais, onde, embora muitas vezes seja organizado um semicírculo, o que vemos comumente é o professor ocupando um lugar central, às vezes mesmo em um degrau mais alto, em uma espécie de palco. Pode ser que para muitos professores, ainda presos a uma educação bancária, seja difícil aceitar o deslocamento desse espaço, físico e social, de destaque, mas acreditamos que saber lidar com esse afastamento que se dá, para que outros sujeitos do processo educativo, como os alunos, tenham espaço, caracteriza uma atitude mediadora por parte do docente.

Os letramentos digitais perpassam todas as possibilidades aqui apresentadas, pois, ter conhecimento sobre os recursos que identificamos como profícuos para a produção de tensão potente, oportuniza ao professor mediador uma utilização criativa do *Google Meet*. Ademais, acreditamos que, ao valer-se dessas habilidades de maneira individual, o docente estimula, em seus alunos, um interesse que pode levá-los a considerar esse espaço frutífero em uma aula ou em outras interações que ocorram por meio de canais digitais.

Não pretendemos que o professor seja um especialista técnico no uso do *Google Meet*, e sim que ele se sinta confortável para explorar e idealizar aulas que não sejam somente expositivas, mas que levem seus alunos a refletir e a questionar criticamente, de maneira interativa e colaborativa, o objeto de conhecimento sobre o qual determinada cena pedagógica se apoie. Pensamos que os letramentos digitais também lhe permitirão a confiança necessária para o deslocamento que caracteriza uma atitude mediadora, ao identificar momentos em que deve intervir e retirar-se, abrindo espaço para os alunos, como, por exemplo, na atenção que dirige ao chat, seja identificando o sinal sonoro de que há mensagens ou mantendo a aba aberta.

### Considerações finais

Apresentamos algumas possibilidades de utilização do espaço virtual do *Google Meet*, de maneira potencialmente produtiva, para o docente que busque atuar a partir de uma atitude mediadora, tendo como foco uma educação reflexiva, crítica e transformadora.

Entendemos que para isso a ferramenta não pode ser utilizada como simples meio de transposição de uma aula que se mantém bancária, ficando, portanto, sem acionar seus possíveis espaços e recursos potentes, como o *chat* e o compartilhamento de tela. E, para que isso não ocorra, é importante que o professor experimente e conheça os recursos do *Google Meet*, construindo e colocando em ação seus letramentos digitais, percebendo que ambientes diferentes como o ensino remoto e o ensino presencial, apresentam possibilidades também distintas.

Com relação ao educador que atua em uma licenciatura, como de línguas, por exemplo, além do aproveitamento do ambiente, chamamos atenção para a ampliação dos conhecimentos sobre o fazer docente, pois ao utilizar os recursos oferecidos, em uma aula não bancária, o professor formador pode contribuir sobremaneira para a formação de seus alunos, professores em formação, no que tange ao uso das TDIC. O que é providencial, uma vez que a maioria das licenciaturas não possui em seu currículo uma disciplina específica para esse tema essencial que aparece, inclusive, nas prescrições da *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018). Esse documento afirma que a escola deve compreender “estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital” (BRASIL, 2018, s/p), evidenciando, assim, a importância dos conhecimentos digitais para estudantes e professores.

Acreditamos que, para que o processo de aproveitamento da sala de aula virtual que se dá mediante a organização de uma chamada, o docente deve deslocar-se do lugar de

protagonista do processo educativo, abrindo espaço e acolhendo o saber dos alunos como válido e peça importante na construção colaborativa e interativa do conhecimento. Entendemos que talvez uma das maiores dificuldades dos professores, de maneira geral, seja voltar a ocupar também de sujeito aprendiz dentro de uma aula com seus alunos, pois fomos levados a ver como única possibilidade uma relação hierárquica e binária de poder e autoridade, mas vemos essa postura verdadeiramente mediadora como uma atitude possível e potencialmente transformadora tanto no ensino *online*, quanto no ensino presencial.

### GOOGLE MEET: UN ESPACIO PODEROSO PARA UNA ACTITUD MEDIADORA

**RESUMEN:** *Google Meet* es un servicio de videollamadas que ofrece la empresa *Google*. Esa herramienta digital fue utilizada por la *Universidad Federal de Mato Grosso do Sul* (UFMS) como una de las posibilidades para continuar con las clases en la Enseñanza Remota de Emergencia (ERE), ya que, debido a la necesidad de aislamiento físico por la pandemia de covid-19, se paralizaron las actividades presenciales. Así, este trabajo tiene como objetivo presentar un conjunto de análisis y reflexiones sobre las potencialidades de *Google Meet*, especialmente en los cursos de formación inicial para profesores de idiomas. La metodología adoptada en la investigación desarrollada fue la de revisión bibliográfica y de análisis cualitativo. A la luz de algunos conceptos teóricos, como la educación crítica (FREIRE, 1987) y la interacción (SILVA, 2001), dirigimos nuestra mirada hacia las posibilidades de utilizar algunos recursos de *Google Meet* en una clase virtual, especialmente aquellos que nos parecen fructíferos para la creación de un espacio de tensión potente, a partir de una actitud mediadora del docente. Como conclusión, destacamos la importancia de que el docente experimente y conozca esos recursos, buscando utilizarlos de forma productiva, para que la herramienta no se convierta en un simple medio de transposición, de lo presencial a lo virtual, una clase que sigue siendo bancaria

**PALABRAS CLAVE:** Educación crítica; Espacio de tensión; Interacción; Aula virtual.

### REFERÊNCIAS

- AJUDA DO GOOGLE MEET. Iniciar uma videochamada educacional. supportgoogle.com. s/d. Disponível em: <https://support.google.com/edu/classroom/answer/9776888?hl=pt-BR&co=GENIE.Platform%3DDesktop#zippy=%2Cconfigurar-uma-videochamada-no-google-sala-de-aula> Acesso em: 22 out. 2021.
- AJUDA DO GOOGLE MEET. Adicionar coorganizadores no Google Meet. supportgoogle.com. s/d. Disponível em: <https://support.google.com/meet/answer/10885841?hl=pt-BR> Acesso em: 25 out. 2021.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase> Acesso em: 15 nov. 2021.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação *Portaria nº 329, de 11 de março de 2020*. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-329-de-11-de-marco-de-2020-247539570> Acesso em: 5 set. 2021.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. *Letramentos digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/perturbar/> Acesso em: 18 out. 2021.

FREIRE, Paulo. A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão. In: \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 37- 49 .

GOOGLE. Escolha a edição ideal para sua instituição. edu.google.com. Disponível em: [https://edu.google.com/intl/ALL\\_br/products/workspace-for-education/editions/](https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/workspace-for-education/editions/) Acesso em: 18 out. 2021.

PROGRAMADORES BRASIL. Google Meet encerra chamadas de vídeo em grupo ilimitadas para usuários gratuitos. Saiba mais. programadoresbrasil.com.br. 14 julho de 2021. Disponível em: <https://programadoresbrasil.com.br/2021/07/google-meet-encerra-chamadas-de-video-em-grupo-ilimitadas-para-usuarios-gratuitos/> Acesso em: 22 out. 2021.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa: a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação*. Campo Grande /MS, setembro de 2001, p. 1-20. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/80725539872289892038323523789435604834.pdf> Acesso em: 3 ago. 2021.

SUPPORT GOOGLE. Comparar as edições do Google Workspace. s/d. Disponível em: <https://support.google.com/a/answer/6043385> Acesso em: 27 set. 2021

UFMS. Reitoria. *Portaria nº 405, de 16 de março de 2020*. Campo Grande-MS, 2020a. Disponível em: <https://boletimoficial.ufms.br/bse/publicacao?id=389814> Acesso em: 5 set. 2021.

UFMS. Reitoria. *Portaria nº 540, de 5 de maio de 2020 (\*) - versão republicada*. Campo Grande-MS, 2020b. Disponível em: [https://www.ufms.br/wp-content/uploads/2020/05/SEI\\_UFMS-1940816-Republica%C3%A7%C3%A3o-Portaria-540-GAB-RTR-1.pdf](https://www.ufms.br/wp-content/uploads/2020/05/SEI_UFMS-1940816-Republica%C3%A7%C3%A3o-Portaria-540-GAB-RTR-1.pdf) Acesso em: 5 set. 2021.

UFMS. Cograd. *Resolução 228, de 13 de agosto de 2020*. Campo Grande-MS, 2020c. Disponível em: <https://boletimoficial.ufms.br/bse/publicacao?id=401550> Acesso em: 5 set. 2021.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Acompanhamento de Ações durante o Ensino Remoto de Emergência: Versão 2.0* - atualizado em 27 de janeiro de 2021. Campo Grande-MS: UFMS, 2021a. Disponível em: [https://www.ufms.br/wp-content/uploads/2021/02/Relat%C3%B3rio\\_Ensino-Remoto.pdf](https://www.ufms.br/wp-content/uploads/2021/02/Relat%C3%B3rio_Ensino-Remoto.pdf) Acesso em: 5 set. 2021.

\_\_\_\_\_. Reitoria. *Portaria nº 1.235-RTR/UFMS, de 19 de fevereiro de 2021*. Campo Grande-MS, 2021b. Disponível em: [https://www.ufms.br/wp-content/uploads/2021/02/Portaria-1.235\\_2021-UFMS.pdf](https://www.ufms.br/wp-content/uploads/2021/02/Portaria-1.235_2021-UFMS.pdf) Acesso em: 27 set. 2021.

VETROMILLE-CASTRO, Rafael. Língua como instrumento, língua para o poder: reflexões sobre papel do professor, tecnologias digitais e desenvolvimento linguístico. In: TAKAKI, Nara Hiroko; MONTE MÓR, Walkyria. (Orgs.). *Construções de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/ linguagens*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 195-219.

*Recebido em: 13/05/2022.*

*Aprovado em: 15/07/2022.*